

em sua honra. Estabelecendo uma ligação com o simbolismo andrógino da divindade, os sacerdotes de Cibele sacrificavam sua virilidade tornando-se eunucos e vestindo-se de mulher. A personagem central do mito, Atis era segundo a lenda o filho ou amante de Cibele, elemento masculino da *dyade*. Os fiéis mutilando-se no curso das cerimônias orgíacas, ofertavam à Grande Mãe sua força geradora, esperando que essa oferta sangrenta estimulasse as forças vitais da natureza.

Paralelamente a essas manifestações exteriores desenrolavam-se nos templos as cerimônias muito mais secretas: essa associação fechada reproduzia os ritos do culto frígio primitivo. A esta "seita" foi afiliado Juliano.

Com o fim de guardar o segredo, uma ala inteira do santuário era reservada a essas práticas religiosas. Numa grande sala encontrava-se um trono sobre o qual se erguia a estátua do deus Atis representado sob a forma de um belo jovem. Os "mistérios" importavam em dois graus, como nos "grandes mistérios" de Elêusis. O primeiro grau chamava-se "iniciação", o segundo, "portal do templo". O candidato ao primeiro grau caminhava por um longo corredor mergulhado na escuridão, depois de diferentes purificações, desembocava no centro da sala por alguma arcada e apresentava-se diante do trono do deus, onde se realizavam diversos ritos que ignoramos, simbolizando sua união com a divindade e por esse motivo sua própria divinização. Uma das velhas fórmulas utilizadas nessa ocasião nos foi conservada: *Venturoso e bendito, tu te tornarás um deus em lugar de um ser mortal.*

Parece certo que o mista, no decorrer da prova bebia numa taça uma beberagem sagrada, análoga ao *Sôma* de Zoroastro. Esse "ouro líquido" ou "licor dos deuses" permitia "visualizar" o mundo divino.

Juliano foi de tal maneira transportado por esses "mistérios" que escreveu numa noite seu famoso *Discurso sobre a Mãe dos deuses*, no qual exalta Cibele: o príncipe filósofo concebe Atis como

a substância da inteligência fecunda e criadora engendra tudo, até o derradeiro grau de matéria que contém todas as razões e todas as causas das formas materiais... As causas primeiras não contendo as formas dos elementos últimos... Emanação de Hélios — o terceiro criador — Atis desce à Terra sob o efeito do excesso de sua fecundidade 5.

5. *Discours sur la mère des dieux*, 161 C, 161 D e 162 A.

O "barrete ornado de estrelas" com o qual Cibele cobre Atis (o barrete frígio) simboliza o céu aparente e o gallos, a Via Láctea "onde se realiza a mescla do corpo tranqüilo e do movimento circular do quinto corpo"; Atis então desce ao antro em que tem relações com a ninfa, esta representa o "princípio humano da matéria". Quanto à mãe dos deuses "mãe e esposa de Zeus, senhora da vida", possui em si mesma, retomando uma expressão de M. Gabriel Rochefort, as causas de todos os deuses intelectuais e com ela, detém "as causas das formas materiais, ordena à sua assistente parar no inteligível para evitar sua progressão em direção à matéria". Atis entretanto prossegue na sua descida até as extremidades da mesma; é descoberto pelo LEÃO — princípio ígneo — e mutila-se num acesso de loucura, fixando assim a suspensão de sua "corrida ao infinito". A mãe finalmente chama-o e ele recebe por escolta as Coribantes, que são as *três hipostáticas soberanas das raças superiores vindo depois dos deuses*.

Não seria surpreendente que essa interpretação "gnóstica" do homem-deus, cara a Juliano, encontrasse um eco favorável num autor moderno como Rosemberg, filósofo oficial de Hitler, que fará de Juliano, no seu *Mythe du XX siècle*, um dos heróis da epopéia "ariana". Essas correspondências com dezesseis séculos de intervalo, não devem nos surpreender, se é verdade que existe a par no mundo uma corrente de "iniciadores", situando-se além do tempo.

OS MISTÉRIOS DE SERAPIS

Se cabe evocar agora os mistérios de Serapis é porque esse deus está uma vez mais ligado à teologia solar, elaborada pela escola neo-platônica e retomada por Juliano.

Serapis é um deus grego-egípcio, formado de Osíris, o deus dos mortos e de Apis, o touro fecundo. Em relação com o culto de Mitra e do Sol, a adoração desse deus foi muito espalhada na Antiguidade romana. Os Ptolomeus foram os primeiros a propagarem esse culto no Oriente Próximo.

Sabe-se que Osíris é o guia dos mortos no reino das trevas; ele é a luz divina, o "Sol oculto", símbolo do curso oculto do astro no reino da noite. Apis o deus-touro representa o elemento vital da *dyade* por seu valor santificador e fecun-